

Tecnomagias ancestrais: a fabulação crítica em Reza Forte, de BaianaSystem e BNegão¹

Anna Victória Barbosa²
Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM

RESUMO

Este artigo propõe uma análise do videoclipe *Reza Forte*, de BaianaSystem e BNegão, a partir das noções de fabulação crítica (Hartman, 2020), corpo-tela e tempo espiralar (Martins, 2021), compreendendo-o como um arquivo vivo e performativo. A obra articula espiritualidade afro-indígena, resistência política e denúncia à colonialidade, operando por meio de uma estética que atravessa som, imagem e performance. O videoclipe desorganiza a linearidade do tempo, propondo uma ruptura com a narrativa de submissão no processo de invasão colonial, além de evocar o episódio histórico da luta camponesa de Alagamar. Nesse gesto, mobiliza tecnologias e magias ancestrais enquanto formas de proteção na colonialidade.

PALAVRAS-CHAVE

videoclipe; fabulação crítica; performance; corpo-tela; afrorreligiosidade.

CORPO DO TEXTO

1. Introdução

A música popular massiva carrega em sua estrutura muito além do ritmo, refrão e melodia. Ela também comunica, arquiva e performa histórias, memórias e sentidos. Nas últimas décadas, os videoclipes passaram a ser compreendidos não apenas enquanto estratégia de divulgação da indústria fonográfica, mas como dispositivos culturais complexos. É neste contexto que se insere o videoclipe *Reza Forte*, de BaianaSystem feat. BNegão. Lançado em 02 de fevereiro de 2021, Dia de Yemanjá, a produção articula a afrorreligiosidade, resistência indígena e denúncia à colonialidade por meio de uma montagem não linear. A proposta deste artigo é compreender o videoclipe a partir da ideia de fabulação crítica (Hartman, 2020) e dos conceitos de corpo-tela e tempo espiralar (Martins, 2021), partindo do entendimento de que o videoclipe opera como um arquivo (Taylor, 2013) vivo e performativo.

2. Das encruzilhadas que partimos

Antes de nos aprofundarmos propriamente na análise mais densa do videoclipe *Reza Forte*, é importante trazer um breve mapeamento dos conceitos centrais que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Consumo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

sustentam o caminho proposto, possibilitando uma melhor compreensão dos trajetos teórico-metodológicos adotados.

a) Arquivo e repertório: conceitos elaborados por Diana Taylor (2013). A autora entende o arquivo como um processo de seleção, exclusão e mediação, atravessado por interesses políticos e institucionais – ou seja, não é neutro. Já o repertório corresponde às práticas inscritas na oralidade, na corporeidade e na performance. b) Fabulação crítica: proposta de Saidiya Hartman (2020) que coloca em crise a história oficial contida no arquivo e propõe uma escrita que tensiona os limites entre o histórico e o ficcional. c) Tempo espiralar: concebido por Leda Maria Martins (2021), compreendido como não linear, que onde passado, presente e futuro se encontram. d) Corpo-tela: também desenvolvido por Martins, como suporte e superfície de inscrição de memórias, afetos e saberes ancestrais.

3. Eles têm armas e nós temos tecnomagias ancestrais

O videoclipe *Reza Forte* reconstrói a narrativa do momento de invasão colonial, ao retratar os soldados, os Guarani e as pessoas negras. Com inúmeros elementos da afrorreligiosidade, como a benzedeira, o menino que faz o ritual de passar *efun/pó* de pomba em seu corpo e as cenas em terreiros de candomblé, a produção audiovisual mostra uma série de elementos ligados às religiões de matriz africana. A obra se estrutura em uma montagem que rompe com a linearidade, articulando elementos simbólicos que evocam proteção, memória e enfrentamento. Cenas como os soldados com armas e os indígenas com lanças, prontos para responder ao ataque – e não insubmissos, gentis, receptivos, conforme retratado na história oficial –, marcam o videoclipe. As imagens operam com movimentos de vai-e-vem, numa lógica de tempo espiralar, onde as temporalidades dialogam entre si. A insubmissão de copos negros e originários, a utilização das magias ancestrais, em que os próprios soldados foram "dominados". A citação direta à *Cantata pra Alagamar* (1979), traz à tona a luta camponesa e mais uma camada de sentido a crítica da colonialidade, trançando passado, presente e futuro. A fabulação crítica se faz presente ao propor outra leitura da história: não pacificada, mas de resistência. O corpo-tela, revestido de elementos que carregam memórias, torna-se suporte da performance que reinscreve um grito do passado no presente, dialogando sagrado, ancestral e político. O videoclipe atualiza modos de existência silenciados, fabula contra a narrativa colonial por meio da imagem e da performance.

4. Considerações finais

O videoclipe *Reza Forte* é, em sua totalidade, um campo fértil da fabulação crítica. A canção e o videoclipe evocam o senso de luta coletiva do que ocorreu em Alagamar, mas de fato também fazem uma releitura da invasão, desorganizando as noções de tempo e linearidade e colocando em crise a história oficial contida no arquivo. A reescrita da história é conduzida não pela cronologia, mas por uma montagem espiralar, que reinscreve sentidos de resistência, memória e afrorreligiosidade. Os corpos ali não apenas performam: eles são corpos-tela onde a memória ancestral se faz

visível, que carregam adereços como as roupas, os panos e os fios de conta. Estes não são ornamentos, mas tecnologias de cuidado, proteção e continuidade dos saberes. A repetição das cenas, os retornos visuais, o entrelaçamento entre o sagrado e o político instauram uma estética que é, ao mesmo tempo, denúncia e criação. E, nesse entremeio, o videoclipe opera como arquivo vivo da experiência negra e indígena: não um arquivo fixo, mas uma camada viva da memória, acionada e reativada pela imagem em movimento.

REFERÊNCIAS

BAIANASystem; BNEGÃO. *Reza Forte – BaianaSystem Feat. BNegão (Videoclipe Oficial).* YouTube, 2 fev. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=m_YuGaaUuWU. Acesso em: 6 jun. 2025.

CARDOSO FILHO, Jorge Luiz Cunha. *Música popular massiva na perspectiva mediática: estratégias de agenciamento e configuração empregadas no Heavy Metal.* 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

DALLA VECCHIA, Leonam Casagrande. *A linguagem do videoclipe e sua transformação no contexto contemporâneo: persona musical, narratividade pop e audiovisuais musicais em rede.* 2024. 322 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, N°. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

HARTMAN, Saidiya. 2020. *Vênus em dois atos.* *Revista ECO-Pós*, 23(3), p. 12–33. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640> . Acesso em: 24 de abr. 2025.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder; **SOARES,** Thiago. O videoclipe como extensão da canção: apontamentos para análise. *Revista Galáxia*, n. 15, p. 91-108, jun. 2008.

MARTINS, Leda Maria. *Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.* Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PEREIRA DE SÁ, Simone. *Música Pop Periférica Brasileira.* Curitiba: Appris. 2021.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.* Salvador: Imago, 2002. 182 p. (Bahia: Prosa e poesia).

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas.* Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VANOYE, Francis; **GOLIOT-LÉTÉ,** Anne. *Ensaio sobre a análise filmica.* São Paulo: Papyrus, 2008.